
RECENSÕES

Fa[r]do escolar

Souta, Luís (2014). *Fa[r]do escolar*. Lisboa: ExLibris.

Este livro apresenta, num total de 50 pequenos episódios, o quotidiano escolar de um *alter ego* do autor, o Arcílio, entre 1960-1974, desde os quatro anos na primária ou na «escola da tortura repetida» (Antero de Quental, cit. in Souta, 2014: 16), passando pelos sete anos de «horas fastidiosas do liceu» (Tomaz Ribas, cit. in *ibidem*: 54), até aos três anos de aulas na universidade que nunca o interessaram.

Nesta atualização do livro anterior, *A Escola da Nossa Saudade* (Souta, 1995), a memória recria um conjunto de episódios que de ficção nada têm, mas que consegue «esbater as dores, aveludar o sentimento, colorir o que era sépia» (p. 162). Este recuo ao passado (em que a ficção apenas se sente na estrutura narrativa e não nas histórias contadas) tem como única finalidade, assumida pelo autor no final da obra, falar da «escola de antanho porque a do presente me preocupa e a do futuro me inquieta» (*ibidem*).

Desde esse tempo final de uma ditadura até hoje a escola mudou... e muito. Descrever a escola que teve é a forma escolhida por Luís Souta para assumir aquilo que são os textos que partilha connosco: uma descrição dum contexto específico à luz de um sentido ideológico que nunca encobre.

Crítica a escola primária da falta de liberdade e respeito pelos mais básicos princípios de cidadania (*Um pivete*, p. 17, e *Canicho*, p. 33), a escola em que o currículo formal era desadequado à idade dos destinatários (*A invasão de Goa*, p. 35), a escola com ligação privilegiada a uma religião (*Santinbos*, p. 33), a escola desfasada do quotidiano e onde o currículo mais não espelhava do que a ideologia dominante (*Tresler*, p. 37).

No que se refere ao liceu, os textos são um bom exemplo de crítica às desigualdades sociais (*Exame de admissão*, p. 49, e *Turma de galfarros*, p. 55) e à (falta de) qualidade dos/as professores/as (*Tabu linguístico*, p. 59, e *Partidas*, p. 69), à inculcação ideológica feita a partir de atividades extracurriculares (*A Bufa*, p. 65) ou mesmo à desigualdade assumida entre as diversas áreas curriculares (*Não contam para a nota*, p. 61, e *Artes & tretas*, p. 83), assim como a temas tabu e proibidos (*A psicóloga*, p. 91).

Da passagem à universidade fica a reflexão sobre a coeducação (*Nicho de diversidades*, p. 101), as leituras «alternativas» (*Fome de livros*, p. 107), o mundo de arbitrariedades e da prepotência exercidas pelos/as professores/as sobre os/as estudantes (*11ª Manda-*

mento: *não copiarás*, p. 119, e *Chumbo permanente*, p. 127), bem como a aquisição de uma consciência social e política em que a denúncia de atrocidades na guerra colonial (*Missões impossíveis*, p. 123, e *Livre de saneados*, p. 133) e a participação numa associação de estudantes foram, a título de exemplo, um abrir de horizontes para um mundo diferente e de amizades e inimizades que perduram até hoje.

Para Luís Souta, a escrita, a reflexão e o questionamento constante sobre o que faz há mais de 30 anos são parte da sua forma de estar na profissão docente. Por essa razão, a leitura do capítulo 50 – (*In)esperada profissão* (p. 143) – e das oito páginas finais – *Notas (de contemporaneidade)* (pp. 153-162) – é fundamental para se perceber, como já foi referido, como a escola do «presente [o] preocupa e a do futuro [o] inquieta».

Neles são aprofundadas muitas das questões que se relacionam com as que são abordadas em alguns dos capítulos. Desde a forma como são «escolarizados» os recreios (nota I.4), a (não) utilização da bata (nota I.5), a (não) laicidade na escola pública (nota I.6) à caridade e solidariedade (nota II,10), passando pela memorização (nota II.13) e pela não criação de uma escola multicultural, sobretudo no ensino superior (nota III.20), assim como o papel das associações de estudantes nesse mesmo subsector (nota III.34), o autor não se coíbe de, com enorme coerência teórica, atacar, defender e refletir sobre o sistema educativo em que vivemos.

Escrito de uma forma aparentemente simples, prendendo o/a leitor/a do primeiro ao último parágrafo, este livro tem um conjunto diversificado de destinatários/as.

Refiram-se os/as que, como o autor, viveram os tempos por ele abordados nas diversas histórias e os/as que, embora os não tenham vivido, deles

ouvem/ouviram falar, por vezes com saudade mitigada pela(s) memória(s) traçoeira(s) daqueles/as que não querem perceber como a escola nele descrita era elitista e a sociedade pobre, seletiva, autoritária e difusora do medo encapotado e subtil que, como refere Fernando Rosas em *Salazar e o Poder: A Arte de Durar* (2014), está ainda muito presente nos dias de hoje.

Recomenda-se ainda a leitura deste livro a todos/as os/as cidadãos/ãs que refletem sobre a escola e a todos/as os/as professores/as que, em exercício, em início de carreira ou em formação, querem perceber como se chegou à escola que hoje temos e que, querendo saber mais para enfrentar os perigos, desafios e ameaças que pendem sobre a escola pública, sabem que não querem regressar à escola nele plasmada.

A leitura desta obra por decisores/as políticos/as mais novos/as e/ou menos conhecedores/as de história da educação poderá servir para que aprendam algo mais sobre o que deve ser a escola, pública, sobre a desadequação dos calendários eleitorais às reformas educativas, assim como para perceber que a escola só pode ser inclusiva numa sociedade em que não se temam os/as excluídos/as, só pode ser culta se todos/as tiverem forma de aceder a todos os bens culturais e só pode promover a igualdade no acesso se também promover a igualdade no sucesso.

Ana Maria Pessoa

Escola Superior de Educação do Instituto
Politécnico de Setúbal

Referências bibliográficas

Souta, Luís (1995). *A escola da nossa saudade*. Porto: Profedições.